


**TECNOLOGIA LÍTICA E ETNOARQUEOLOGIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DA CULTURA MATERIAL**

**LITHIC TECHNOLOGY AND ETHNOARCHAEOLOGY: A CRITICAL ANALYSIS OF
THE INTERPRETATIVE POSSIBILITIES OF MATERIAL CULTURE**

**TECNOLOGÍA LÍTICA Y ETNOARQUEOLOGÍA: UN ANÁLISIS CRÍTICO DE LAS
POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DE LA CULTURA MATERIAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-304>

Data de submissão: 26/05/2025

Data de publicação: 26/06/2025

Hebert Rogério do Nascimento Coutinho

Pós-Doutor em Arqueologia - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (PPGARq/UFPI), Doutor em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI) e Doutorando em Arqueologia – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGARq/UFPE).

E-mail: hebert.nascimento@ufpi.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0497-1683>.

Luiz Carlos Medeiros da Rocha

Doutor em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: luiz.cmrocha@ufpe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4218-9916>.

Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE -USP). Professor do Departamento de História (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Setor de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo e Laboratório de Arqueologia do Seridó.

E-mail: abrahao.silva@ufrn.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6106-070X>.

RESUMO

A análise crítica aqui apresentada possui como objeto analítico as possibilidades interpretativas oriundas da Antropologia da Técnica e da Tecnologia e sua relação com os fundamentos da Agência nos estudos da cultura material. Para tanto, elencamos como problemática o seguinte questionamento: quais os elementos da cultura material, em especial, de natureza lítica, possibilitam interpretações acerca de aspectos exteriores à causalidade material? Nessa perspectiva, no que concerne ao aparato teórico, nos balizamos numa abordagem processual, percebendo a técnica permeada por possibilidades de práticas e lógicas de uso. Ademais, nos ativemos a uma reflexão crítica com a finalidade de identificar elementos que auxiliem na superação metodológica da dicotomia Homem/Natureza, para que a resolução da problemática aqui elencada seja alcançada. Além disso, nos utilizamos de preceitos Etnoarqueológicos, na intenção de apontar soluções para a concretização da proposta analítica demonstrada no presente artigo.

Palavras-chave: Antropologia da Tecnologia; Agência; Etnoarqueologia.

ABSTRACT

The critical analysis presented here has as its analytical object the interpretative possibilities stemming from the Anthropology of Technique and Technology and its relationship with the foundations of Agency in material culture studies. To this end, we have posed the following question as a problem: which elements of material culture, especially of a lithic nature, make it possible to interpret aspects outside of material causality? From this perspective, as far as the theoretical apparatus is concerned, we took a processual approach, perceiving the technique as permeated by possible practices and logics of use. In addition, we engage in critical reflection in order to identify elements that help to overcome the methodological dichotomy of Man/Nature, so that the problem listed here can be resolved. In addition, we used ethnoarchaeological precepts in order to point out solutions for the realization of the analytical proposal demonstrated in this article.

Keywords: Anthropology of Technology; Agency; Ethnoarchaeology.

RESUMEN

El análisis crítico que aquí se presenta tiene como objeto analítico las posibilidades interpretativas derivadas de la Antropología de la Técnica y la Tecnología y su relación con los fundamentos de la Agencia en los estudios de cultura material. Para ello, hemos planteado como problema la siguiente cuestión: ¿qué elementos de la cultura material, especialmente de naturaleza lítica, permiten interpretaciones sobre aspectos ajenos a la causalidad material? Desde esta perspectiva, en lo que al aparato teórico se refiere, adoptamos un enfoque procesual, percibiendo la técnica como permeada por posibles prácticas y lógicas de uso. Además, realizamos una reflexión crítica con el objetivo de identificar elementos que ayuden a superar metodológicamente la dicotomía Hombre/Naturaleza, de modo que puedan resolverse los problemas aquí enumerados. Además, utilizamos preceptos etnoarqueológicos con el fin de apuntar soluciones para la realización de la propuesta analítica demostrada en este artículo.

Palabras clave: Antropología de la tecnología; Agencia; Etnoarqueología.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos empreendidos sobre a técnica possuem como foco central um princípio de causalidade que estabelece a relação entre o homem e a matéria como uma ação produtiva. Entretanto, a construção de alguma coisa conotaria uma ação técnica, assim como a atribuição de sentido a esta.

Nessa compreensão, as análises das ações técnicas são efetivadas tendo como foco os sistemas de produção e os processos produtivos, na intenção de identificar a articulação entre os princípios físicos e químicos para dar vida aos objetos. De outra forma, sob a ótica das ciências humanas, examina-se a relação existente entre os aspectos culturais e sociais e os fenômenos técnicos.

A esse respeito, Mura (2011) afirma que a relação acima descrita está sendo estabelecida balizada na percepção da atividade humana compreendida como ato de produção, direcionando o entendimento da materialização das técnicas como sendo cultura material, em outros termos, um conjunto de objetos imbuídos de informações que consistem em características externas às substâncias que compõem a materialidade desses objetos.

Ainda no âmbito das análises dos fenômenos técnicos, temos a constituição da dicotomia entre o Homem e a Natureza. Nessa perspectiva, a transformação da matéria-prima em objetivo, ou seja, do natural para o cultural, é comumente compreendida sob óticas ontológicas distintas. Dessa forma, os fundamentos presentes no ambiente natural são retirados e percebidos de forma diversa dos fenômenos que controlam a vida das pessoas.

Deve ser percebido que a dicotômica acima descrita é denotada como uma totalidade abstrata, permeada por uma noção de sistemas e coletividades. Nessa compreensão, o Homem assume a expressão do aspecto social, cultural, simbólico e uma representação mental e a Natureza se apresenta como a relação de elementos ecológicos.

Assim, considerando as diversas perspectivas teóricas, os aspectos acima elencados – o princípio de causalidade do “ato de produção”, a dicotomia Homem/Natureza e noção abstrata de totalidade inerente a essa – possuem formas distintas de relacionamento entre esses aspectos. Entretanto, conforme Mura (2011) de algum modo, os três aspectos constituem um parâmetro identitário entre objetos, ou conjunto de objetos, assim como uma organização cultural e social específica.

Para exemplificar a afirmação acima descrita, podemos citar as constatações trazidas na pesquisa desenvolvida por Mura (2000; 2006; 2010) junto ao grupo étnico Guarani Kaiowa, do Mato Grosso do Sul, onde foi demonstrado que o grupo indígena em questão apresentava uma forte coesão social, uma visão cosmológica concebida e uma organização social do trabalho com distinta

complexidade. Porém, no âmbito da produção de objetos (cultura material), esta se apresentava com elevado grau de pobreza.

Assim, o emprego de correntes teóricas fundamentadas na perspectiva sistêmica com o intuito de explicar o contexto de produção de objetos dos Guarani Kaiowa, pouco auxiliava no alcance desse objetivo. Dessa forma, ficou perceptível que seria necessário: considerar a análise das relações técnicas percebendo as lógicas de uso, em detrimento daquelas de produção; desconsiderar a distinção entre o cultural e o natural; e, como consequência da consideração anterior, o abandono da distinção entre a referida dicotomia implica no questionamento da visão sistêmica que direciona as análises a uma perspectiva epistemológica a qual condiciona o sistema cultural, social, semântico, simbólico, etc, para uma posterior relação com a totalidade das coisas, do universo e, por conseguinte, significá-lo.

Nesse entendimento, para que seja possível inferirmos acerca dos elementos da cultura material, em especial, de natureza lítica, que possibilitam interpretações sobre os aspectos exteriores à causalidade material, nos balizamos numa abordagem processual, percebendo a técnica permeada por possibilidades de práticas e lógicas de uso, assim como efetivamos uma reflexão crítica com a finalidade de identificar elementos que auxiliem na superação metodológica da dicotomia Homem/Natureza, aspectos estes que serão expostos a seguir.

2 UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DAS ABORDAGENS DA TÉCNICA E DA TECNOLOGIA

Durante a década de 1940, as publicações de André Leroi-Gourhan (1993; 1994) apresentaram concepções orientadas a compreensão dos fenômenos técnicos, assim como a evolução destes. Entre tais concepções, podemos citar: a tendência técnica, ambiente técnico e o fato técnico, as quais propuseram a formulação de uma referência analítica que ainda incentiva reflexões hodiernas.

No que concerne a tendência técnica, essa consiste num conceito abstrato orientado ao entendimento das implicações causais de ação do indivíduo sobre a matéria, no quesito eficácia, possuindo, ainda, uma previsibilidade e constância. Dessa forma, a tendência técnica possui relativa independência dos fatos sociais, podendo indicar aspectos de aumento da eficácia da ação técnica aspirada, considerando a aquisição de conhecimentos da natureza (LEROI-GOURHAN, 1993).

Por conseguinte, o autor afirma que a obtenção dos conhecimentos técnicos demanda a existência de um ambiente técnico propício, cujos componentes sofrem determinação de ações humanas e não humanas, tais como: a organização técnica do grupo em examinado, os aspectos

ecológicos onde as atividades são efetivadas, assim como os componentes oriundos de outros grupos sociais que mantem contato com o grupo analisado.

Nessa compreensão, as vivências em um dado local, permeadas por uma materialidade, aliada a aptidão inventiva, bem como os empréstimos de procedimentos técnicos, teria como consequência a possibilidade de uma automudança no nível técnico, além de conformar um perfil técnico intrínseco, situação essa denominada por Leroi-Gourhan (1993), de fato técnico. Assim, ao contrário da tendência técnica, o fato técnico é imponderável e inerente. Dessa forma, o fato técnico expõe sua especificidade fundamentado em conjunturas sociais, históricas e ambientais.

Nesse entendimento, a força motriz da tendência técnica se depara com um entrave no ato de empreender uma sucessão de coincidências para que uma progressão funcional possa ser executada. Por esse motivo, a tendência consiste numa abstração e o que, de fato, observamos de forma concreta, é o fato técnico.

Desse modo, tendo como parâmetro analítico os conceitos acima descritos, Leroi-Gourhan (1993) efetiva uma compreensão da técnica em termos de processo evolutivo, na intenção de estabelecer classificações para as distintas sociedades. Entretanto, a subdivisão em níveis nos conduz a constatação de que cada tipo de sociedade possui uma organização técnica específica.

Ademais, o autor afirma que as relações na história, na maior parte, foram efetivadas entre grupos com níveis semelhantes. Porém, que aconteceria em situação de interação entre grupos sociais com níveis distantes? A resposta dada pelo autor é de que o grupo que se encontra em inferioridade técnica não teria a possibilidade de elaborar objetos que não estivessem no escopo de conhecimento dos saberes e técnicas desses. Além disso, para os casos em que objetos não pudessem ser elaborados, as sociedades poderiam obtê-los por meio de uma relação de simbiose, permeada por uma instabilidade e transitoriedade (LEROI-GOURHAN, 1993).

Algumas lacunas são deixadas pelo autor nas interpretações demonstradas acima, a exemplo da explicação de como ocorre a simbiose. Porém, fica evidente o valor negativo atribuído a essa condição, como se essa não tivesse relevância na compreensão do fenômeno técnico. Nessa perspectiva, indagações acerca da percepção negativa de que a aquisição de um objeto qualitativamente melhor que outro e o abandono de conhecimentos que se tornam antiquados, se evidencia como uma explanação a ser buscada, pois, conforme demonstrado por Mura (2000; 2006; 2010), uma situação não implica na outra.

Dessa forma, é fundamental que sejam superadas perspectivas teóricas que imprimam um determinismo material aos grupos sociais, considerando que o universo social dos grupos é permeado por aspectos que não podem ser enrijecidos, partindo de parâmetros puramente técnicos. O que fica,

também, evidente é uma propensão a estabelecer uma relação do ato de produzir com um grupo étnico específico, assim como a elaboração de princípios identitários na intenção de associar a materialidade produzida à sociedade que os produziu, determinando seu perfil sociotécnico.

Na segunda metade do século XX, alguns teóricos mantiveram o mesmo raciocínio acima descrito, dentre os quais podemos citar Godelier (1978; 1985) que se balizou numa perspectiva marxista para explicar as relações sociais sob a ótica das relações de poder e dos modos de produção, assim como Cresswell (1976; 1994), através do estudo que o autor denominou de tecnologia cultural, onde o foco era a relação dialética entre a dimensão social e material, onde essa dialeticidade seria determinada ao longo do curso processual.

Considerando as produções dos autores da Antropologia Simbólica, estes, por sua vez, tecem críticas ao paradigma trazido pelo Leroi-Gourhan. A esse respeito, podemos citar as ideias de Lemonnier (1993) com o questionamento apresentado sobre a aplicabilidade do conceito de tendência técnica, percebendo este como a manifestação de um determinismo material. Para o autor, a problemática da aplicabilidade anteriormente citada reside no fato de que as propriedades técnicas de instrumentos e objetos específicos concebem limitações com a capacidade de condicionar as escolhas técnicas. Dessa forma, para Lemonnier (1993) a ênfase nas análises sobre as técnicas está centrada nas representações sociais, onde o processo mental que baliza nossas ações no mundo material está permeado pelo sistema simbólico.

A cultura material traz consigo as representações sociais por meio do sistema técnico de uma sociedade, compreendendo-se, assim, que o processo produtivo de objetos corresponde também a uma rede de significados (LEMONNIER, 1986; 1992). Lemonnier reforça ainda que a tecnologia é uma construção social inserida em teias de significação criadas e recriadas por uma sociedade em processo de dinâmica cultural (LEMONNIER, 1986; 1992). Por isto, este autor pontua que as técnicas devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva sistêmica alicerçada em três premissas: das técnicas em si; do conjunto de técnicas; e do sistema técnico em comparação com os demais sistemas culturais. Além disso, as técnicas possuem cinco elementos que lhe dão sustentação: matéria, energia, objetos, gestos e conhecimento (LEMONNIER, 1986; 1992).

Nessa perspectiva, Descola (2002), considera que toda a relação entre o homem e a matéria viva e não viva deve ser objetivada. Dessa forma, para o autor, objetivar uma técnica consiste na suposição de que a relação primária instituída por ela entre o homem e a matéria é passível de uma representação com início no acúmulo preexistente de relações tidas, coerentemente, no âmbito da totalidade sociocultural tomada, inicialmente, como objeto analítico. Assim, Descola (2002), propõe o conceito de objetivação da técnica como forma de criticar e superar as abordagens sobre a técnica e

a tecnologia de Leroi-Gourhan e Cresswell, promovendo, dessa forma, uma proposta de compreensão acerca dos motivos que determina escolha e uso de uma técnica.

A esse respeito, após estudos realizados junto aos grupos indígenas das terras baixas da América do Sul, Descola (1992, 2002) afirma que esses grupos, no momento da chegada dos colonizadores europeus, os grupos indígenas brasileiros possuíam o mesmo nível técnico dos grupos que habitavam a região da Nova Guiné. Dessa forma, após tecer uma comparação sobre a questão da domesticação de animais para consumo alimentar, o autor conclui que, de forma distinta dos grupos da Nova Guiné, os ameríndios não praticavam atos alimentares com animais domesticados, considerando que tal ato tiraria a condição de pessoas atribuídas aos animais, tornando-os objetos, condição esta presente na ontologia desses grupos.

A proposta de objetivação de Descola acima explanada não responde a outras relações anímicas que estão presentes nos grupos ameríndios. De outra forma, questões ecológicas e históricas poderiam ser consideradas nas análises do autor para tentar preencher lacunas, buscando não ser caracterizada como uma espécie de determinismo cultural.

Compendiando, todas as abordagens sobre técnica e tecnologia até aqui apresentadas, as quais consideraram aspectos materiais, simbólicos e sociais, estão inseridas na perspectiva sistêmica. Dessa forma, na tentativa de compreender questões de totalidade e a coerência técnica dos aspectos que compõe esta, acreditamos ser relevante as definições trazidas por Ingold (1986, p. 43, grifos do autor) acerca da Tecnologia. Para o autor “a totalidade das concepções e suas interrelações, localizadas nas mentes dos homens, constituem uma tecnologia. [...] A tecnologia consiste, em primeiro lugar, num *corpus de conhecimento* que individualmente carrega em suas cabeças, e transmite formal e simbolicamente instruções codificadas”.

Nessa perspectiva, a tecnologia se apresenta como um *design* na mente do indivíduo, possuindo uma dimensão externa à causalidade material. Assim, considerando a etimologia da palavra tecnologia e a noção de racionalização do processo de produção cunhado durante os séculos XVIII, XIX e XX, na Europa, a mecanização da produção nos fornece um importante elemento reflexivo.

A esse respeito, tomamos a projeção do *design* da mente do projetista e as características da máquina. Se pensarmos essa relação de forma simplista e mecanizada, ela se evidencia como um sistema coerente e fechado. Mas, o que dizer da interação entre diversos *designs* em tempos e espaços distintos?

Na perspectiva tecnológica proposta por Ingold (1986; 1995) essa forma de analisar balizados na dicotomia Homem/Natureza, nos conduz a distinção entre humanidade e animalidade, assim como

a diferenciação replicada em âmbito acadêmico, qual seja: de um lado, as Ciências Humanas, e de outro, as Ciências Naturais.

Nessa compreensão, Ingold (1995) se apoia nas análises dos Ojibwa do Canadá subártico para demonstrar os distintos modos de perceber e construir o mundo. Entretanto, Descola (1992) aponta, de modo objetivo, por meio de análises das relações anímicas, que o universo ontológico dos ameríndios não está permeado nesse modelo de dicotomia paralela. Assim, o relativismo ontológico não manifesta aspecto que garanta a concepção de um método analítico alternativo seguro.

Ainda, em um emprego mais voltado para a cultura material arqueológica (pré-histórica), em específico para o estudo das indústrias líticas, Inizan (2017) concentrou o que é possível definir como uma modernização para a arqueologia francesa sobre a abordagem tecnológica de entender e interpretar os materiais líticos de grupos humanos do passado. Foi, portanto, definido os entendimentos sobre *métodos e técnicas*.

Para o grupo dos pesquisadores, a tecnologia se refere a uma abordagem sistemática da cultura material, logo “a tecnologia engloba a totalidade do sistema técnico que está em jogo dentro da cultura” (INIZAN, 2017, p. 13). Ainda, a tecnologia também se “dedica ao estudo das relações entre o sistema técnico e os fenômenos socioeconômicos” (INIZAN, 2017, p. 16). A abordagem de acessar as informações dos grupos humanos do passado através da abordagem tecnológica, passou a considerar a observação dos métodos, definido como uma “organização sequencial sistematizada (no sentido repetido e não aleatório) e mais ou menos racional, de um certo número de gestos, cada um executado de acordo com uma ou mais técnica” (INIZAN, 2017, p. 32), as técnicas, como sendo todo gesto ou movimento da mão para a produção da cultura material, portanto, toda ação, essas podendo ser observadas, experimentadas, descritas, principalmente através da experimentação arqueológica.

Dessa forma, o modo de proceder analiticamente acima descrito acerca da relação anímica nos conduz a uma percepção desta como um modo de socialização da natureza. Entretanto, qual a exequibilidade de socializar a natureza, considerando que não há uma diferenciação entre o natural e social, tendo em vista que essa distinção não existe no cosmo? O que nos fica evidenciado, após as reflexões aqui empreendidas é de que essa posição analítica é uma opção permeada de etnocentrismo advinda das abordagens sistêmicas, contribuindo para um baixo aproveitamento do potencial do conhecimento ameríndio que se apresenta como basilar para repensar as epistemologias.

3 AGÊNCIA E ETNOARQUEOLOGIA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

Após refletirmos acerca das diversas abordagens científicas que se têm a temática da tecnologia, ficou evidenciado que o estudo da cultura material e seu processo produtivo está permeado por perspectivas que considerando, tanto fatores puramente, técnicos, sociais, simbólicos, quanto ontológicos e mentais.

Entretanto, todas elas estão inseridas numa perspectiva sistêmica, fato que desconsidera a importância de conhecimentos identificados no universo sociocultural e ontológico de grupos indígenas nas zonas periféricas do globo terrestre. Ademais, em se tratando da produção da cultura material, os fundamentos da agência no estudo desta podem nos fornecer relevantes bases analíticas para expandirmos nossa compreensão do processo produtivo da cultura material para inferirmos acerca do fenômeno social.

Dessa forma, após a “virada material” e sua influência nas pesquisas arqueológicas, após a década de 2000 diversas perspectivas analíticas surgiram com a mudança em tela. A esse respeito, podemos citar as contribuições da *práxis* marxista, a Antropologia Simbólica ou Interpretativa, de Geertz, que incentivou os estudos do significado pela materialidade, o conceito de *Habitus*, violência simbólica, estruturação social e a Teoria da Ação de Bourdieu, a Teoria da Estruturação de Giddens que analisa a reprodução do sistema social pela estrutura e agência. Na Filosofia temos a proposta de hibridação do sujeito de Deleuze e Guattari que influenciaram as percepções de conjunto a partir da noção de que as ações humanas constituem um rizoma. Temos, ainda, o conceito de ator-rede e o papel mediador do objeto proposto por Latour, por fim, podemos citar o conceito de malha trazido por Ingold.

Assim, juntamente, com as reflexões acerca da tecnologia anteriormente empreendidas, a agência material e suas implicações na Arqueologia estão balizadas nos fundamentos a seguir: 1 – Os indivíduos manifestam suas práticas sociais e sua noção existencial através das práticas cotidianas; 2 – As práticas sociais são oportunizadas pela conjuntura material e da cultural material de forma integrativa e passiva; 3 – As práticas sociais são efetivadas no âmbito de contextos históricos imbuídos de hábitos, tradições e memórias, os quais influenciam nos valores e ações dos agente sociais; 4 – Durante as ações dos agentes sociais estes reproduzem suas condições materiais de modo a reinterpretar e redefinir os significados destas; 5 – Nesse âmbito, a cultura material assume um papel dinâmico nas relações sociais, assim como dos humanos e não-humanos, modificando todos os agentes integrados na prática social.

Nessa compreensão, a Etnoarqueologia se apresenta como relevante ferramenta com fins de verificação das possibilidades analíticas apontadas pelas correntes teóricas orientadas ao estudo da tecnologia como ferramenta de compreensão do fenômeno social. Assim, conforme David e Kramer (2002), seguindo uma perspectiva alinhada com as ciências naturais, os autores explicam os fenômenos sociais reconhecendo um padrão permeando as relações sociais, onde os eventos são tidos como uma conjuntura resultante de interações de coisas reais e estruturas dinâmicas; a redescritção dos eventos de forma interdisciplinar; a construção de modelos pautados em mecanismos que tenham a capacidade de produzir o padrão observado por meio da indução; a construção de modelos testáveis; e a construção de uma teoria.

Desse modo, os autores afirmam que, considerando as estruturas sociais e a manifestação dessas, apenas em sistemas abertos existentes em contextos históricos específicos, testar uma teoria em definitivo se torna uma ação impossível de ser efetivada.

Ademais, no que concerne aos estilos de análises e as escolas processual e contextual, podemos apontar alguns aspectos que se evidenciam como ponto de divergência entre essas, quais sejam:

“a) as atividades, econômicas, cognitivo-simbólicas ou outras, relacionadas a sistemas menos ou mais abertos, mais simples ou mais complexos, nos quais eles estão mais interessados; b) suas visões das coisas reais que estruturam estas atividades; c) seus entendimentos sobre o que constitui explicação e verificação e; d) os correspondentes estilos naturalistas versus antinaturalistas de seus argumentos.” (DAVID; KRAMER, 2002).

Dessa forma, considerando os pontos acima descritos, tendo em vista que os procedimentos etnoarqueológicos de proposição analítica do fenômeno social estão balizados em critérios de verificação e explicação que dependem de uma contextualização do sistema cultural com máximo de detalhamento possível, em alguns momentos, a abordagem pós-processual recorre aos métodos processuais, principalmente, no que concerne a verificação.

De fato, analisar o domínio cultural demanda um corpus analítico que consiga estruturar os aspectos culturais de modo que estes fiquem à disposição de formulações metodológicas passíveis de testagem. Assim, principalmente no âmbito das abordagens sistêmicas, a produção de generalizações válidas permanece como objetivo importante nas análises etnoarqueológicas.

Nessa perspectiva, a prática da analogia se apresenta como motriz da etnoarqueologia, tendo em vista que a referida disciplina surgiu na busca de oferecer analogias etnográficas mais eficientes para auxiliar na interpretação de dados arqueológicos. Nesse âmbito, podemos citar as abordagens de modelo geral e chumbo grosso e as técnicas de saqueador e laboratório (YELLEN, 1997 *apud* DAVID; KRAMER, 2002).

Assim, podemos considerar, pautados nas ideias de David e Kramer (2002), que a cultura seja como objeto ou como fonte, devem possuir um grau de semelhança no que concerne as variáveis que pudessem influenciar os materiais, ações ou processos após comparações; considerando que as culturas são, em sua maioria, conservadoras, se houver uma relação de descendência histórica entre a cultura fonte e a cultura objeto, existirá uma maior probabilidade de haver semelhanças entre elas; devem ser buscados os mais variados análogos possíveis para os dados objeto entre as fontes; as hipóteses oriundas dos análogos devem ser testadas por meio de diversas formas. No entanto, a certeza dedutiva é comprometida pela subjetividade e o raciocínio indutivo.

Nessa compreensão, a etnoarqueologia está pautada na percepção de que as analogias são efetivadas a partir de dados levantados sobre procedimentos metodológicos pautados em aspectos sistêmicos, padronizados, passíveis de testagem, explicação e verificação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos as abordagens que se atém a explicar a tecnologia para inferir acerca do fenômeno social, discorremos, também, sobre a agência material e as possibilidades de contribuição da disciplina etnoarqueológica no entendimento do fenômeno em tela.

Dessa forma, nos reportamos a indagação inicial que balizou a estruturação das reflexões aqui empreendidas: quais os elementos da cultura material, em especial, de natureza lítica, possibilitam interpretações acerca de aspectos exteriores à causalidade material?

Na intenção de responder o questionamento acima, retomamos os aspectos elencados por Ingold (1986, 1988, 1995) que aponta o design como aspecto a ser considerado no entendimento do fenômeno social, através dos aspectos tecnológicos observados nos processos de produção da cultura material, tendo em vista que essa abordagem tenta superar o determinismo material e não se ater, somente, aos aspectos culturais da materialidade.

Nessa compreensão, temos nas propostas metodológicas da etnoarqueologia as possibilidades de levantamento de dados para que seja possível perceber os aspectos mentais que permeiam o processo de construção do objetivo, ou seja, da cultura material. Entretanto, tendo em vista as ponderações de David e Kramer (2002), devemos considerar, também, nos atentarmos as questões temporais, interpretativas e simbólicas na aplicação da analogia etnoarqueológica.

Portanto, as possibilidades interpretativas oriundas da Antropologia da Técnica e da Tecnologia e sua relação com os fundamentos da Agência nos estudos da cultura material devem considerar as práticas etnoarqueológicas com a finalidade de compor dados mais consistentes,

principalmente, no que dizem respeito a fatores mentais e simbólicos que permeiam a constituição do fenômeno social.

REFERÊNCIAS

CRESSWELL, R. Techniques et culture. Les bases d'un programme de travail. Techniques et Culture, Paris, n° 1, p. 7-59, 1976.

_____. R. La nature cyclique des relations entre le technique et le social: approche technologique de la chaîne opératoire. In: LATOUR, B.; LEMONNIER, P. (Org.). De la préhistoire aux missiles balistiques: l'intelligence sociale des techniques. Paris: La Découverte, 1994. p. 275-289.

DAVID, N. KRAMER, C. Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dez. 2002.

DESCOLA, P. La nature domestique: Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1986.

_____. Societies of nature and nature of society. In: KUPER, A. (Org.). Conceptualizing society. London: Routledge, 1992. p. 107-126.

_____. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. Horizontes Antropológicos, ano 8, n. 18, p. 93-112, dez. 2002.

DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. Introduction. In: DESCOLA, P.; PÁLSSON, G. Nature and society: anthropological perspectives. London: Routledge, 1996. p. 1-22.

GODELIER, M. L'appropriation de la nature: territoire et propriété dans quelques formes de sociétés précapitalistes. La Pensée, n. 198, p. 7-50, mars/avril 1978.

_____. L'ideale e il materiale. Roma: Editori Riuniti, 1985.

INGOLD, T. The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations. Manchester: Manchester University Press, 1986.

_____. Tools, minds and machines: an excursion in the philosophy of technology. Techniques et Culture, n. 12, p. 151-176, 1988.

_____. Humanidade e animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ano 10, n. 28, p. 39-53, jun. 1995.

INIZAN, M-L., et al. Tecnologia da Pedra Lascada. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.

LEMONNINER, P. The study of material culture today: toward of anthropology of technical systems. Journal of Anthropological Archaeology. v. 5, 1986.

_____. Elements for an anthropology of technology. Michigan: University of Michigan, 1992.

_____. Introduction. In: LEMONNIER, P. (Org.). Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic. London: Routledge, 1993. p. 1-35.

LEROI-GOURHAN, A. L' uomo e la materia. Milano: Jaca Book, 1993.

_____. Ambiente e tecnica. Milano: Jaca Book, 1994.

MURA, F. Habitações kaiowá: formas, propriedades técnicas e organização social. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. À procura do “bom viver”: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. A trajetória dos chiru na construção da tradição de conhecimento Kaiowa. Mana, v. 16, n. 1, p. 123-150, abr. 2010.